



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

## **DISTOPIA E CONTRAOFENSIVA NA RELAÇÃO DILMA ROUSSEFF E CORRUPÇÃO EM *VEJA*<sup>1</sup>**

Leandro Chagas Barbosa  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil  
Endereço eletrônico: chagasbarbosa@gmail.com

Maria da Conceição Fonseca-Silva  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil  
Endereço eletrônico: con.fonseca@gmail.com

### **INTRODUÇÃO**

As distopias podem existir não só num “futuro possível”, mas em momentos e lugares distintos da história. Ao tomarmos como exemplo o primeiro mandato do governo Dilma Rousseff (2011-2014), podemos observar nele alguns acontecimentos que resultaram numa mudança na “engrenagem do sistema” que sustentava, até então, governos imediatamente anteriores. Dentre esses acontecimentos, está a relação do governo com a corrupção política, uma peça representativa dessa “engrenagem”. Tais mudanças culminaram no *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, em agosto de 2016, e desencadeou a distópica democracia brasileira atual.

Neste trabalho, discutimos a relação que se estabelece discursivamente, em *Veja*, entre Dilma Rousseff, enquanto presidente da república, e corrupção envolvendo o Partido dos Trabalhadores (PT) no então primeiro mandato do governo Dilma Rousseff. Mostramos como se dá o processo de constituição e discursivização da imagem do sujeito político Dilma que faz com que seja distinta do(s) lugar(es) discursivo(s) que legitima(m) a corrupção ligada ao PT no governo Dilma Rousseff, criando assim a impressão de um cenário do não lugar.

Levando em consideração um funcionamento distópico, em que o Estado normalmente é corrupto, e que, no presente caso, serviu para sustentar governos anteriores, partimos da hipótese de que o discurso sobre Dilma Rousseff está sustentado por posições de sujeito que criam tensões entre a presidente Dilma e casos de escândalo

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – código de financiamento 001.



de corrupção envolvendo o PT. E que esse discurso é efeito da relação entre memória e acontecimento que participa de um entrecruzamento de discursos que podem ser retomados, modificados e atualizados, formando assim uma memória discursiva em torno da imagem de Dilma Rousseff.

## METODOLOGIA

Para pensarmos a relação Dilma e corrupção no governo PT, mobilizamos neste trabalho a noção de distopia [do grego *dus* e *topos*], significando lugar defeituoso, lugar ruim, desfavorável, como assinala Gregory Claeys (2017), além de conceitos e pressupostos do quadro teórico da Escola Francesa de Análise de Discurso (AD), principalmente os postulados defendidos por Pêcheux (1983a) acerca da relação estrutura e acontecimento, cujo pressuposto é o de que um acontecimento discursivo se dá no encontro de uma atualidade e de uma memória (PÊCHEUX, 1983a) e que todo gesto de leitura/interpretação está sujeita à equivocidade da língua (PÊCHEUX, 1983a).

Salientamos que a memória de que trata Pêcheux, é a memória discursiva, que, nas palavras do autor,

seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” [...] de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 1983b, p. 52).

A partir dessa perspectiva, tentamos mostrar como se dá o funcionamento discursivo em uma determinada materialidade, tomando como base *formulações-reformulações* reunidas em excertos, nos quais verificamos o que é repetido e atualizado acerca do sujeito político Dilma em relação à corrupção no governo do PT, durante o período de seu primeiro mandato como presidente. Assim, consideramos a análise abaixo como um gesto de leitura.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

A edição nº 2232, da revista *Veja*, veiculada em 31 de agosto de 2011, traz uma matéria intitulada “**Cada um com sua guerra**”, a qual apresenta a seguinte materialidade significante:



- (1) Presidentes da República decidem em quais batalhas entrarão. Dilma Rousseff tem feito as escolhas certas no Planalto (*Veja*: ed. 2232, 31/08/11, p. 59).
- (2) [...] A presidente Dilma trava a sua própria guerra: a operação de faxina que ela desencadeou em Brasília contra os corruptos que infestam a máquina pública. Eles resistirão como soldados na trincheira. Dilma precisará de todo apoio. Sigam-na os que forem brasileiros (*Veja*: ed. 2232, 31/08/11, p. 59).

Ao considerarmos a materialidade significativa presente no excerto (1), podemos identificar inicialmente um discurso no qual Dilma Rousseff está em uma “batalha” interna – que a princípio podemos entender como simbólica – que envolve o “Planalto”, ou seja, o seu governo. E na relação interdiscursiva que atravessa esse discurso, podemos dizer que se trata de uma batalha em relação à corrupção.

Ao tomarmos o primeiro enunciado deste excerto, “Presidentes da República decidem em quais batalhas entrarão”, identificamos no verbo “decidir” um efeito no qual há uma tomada de atitude, em que o agente não está cedendo à influência de um outro, mas à própria vontade, diferentemente do que ocorreria, por exemplo, em uma possível série de realizações como “foi induzido a entrar na batalha”, “foi forçado a entrar na batalha”, ou “foi obrigado...”, etc. Um outro funcionamento, que podemos identificar nesse enunciado, é a existência de uma tensão – no interior do governo – que é materializada pelo termo “batalha”.

No enunciado “Dilma Rousseff tem feito as escolhas certas no Planalto”, verificamos que no seu entrecruzamento com os sentidos do enunciado anterior, a “escolha” feita por Dilma não só está relacionada ao tipo de “batalha” que ela decidiu entrar, mas também ao lado a que ela “escolheu” ficar, nessa batalha. Verificamos que, na discursividade de *Veja*, Dilma Rousseff “acerta” nas escolhas que tem feito, e identificamos um efeito-sentido no qual a presidente Dilma Rousseff tem se posicionado contra a corrupção/corruptos no governo.

No excerto (2), verificamos a reafirmação do lugar ocupado por Dilma Rousseff frente aos “corruptos” em seu governo. O termo “batalha”, utilizado na formulação anterior, agora dá lugar ao termo “guerra”. A guerra que a presidente Dilma Rousseff



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

“trava” com os corruptos. Sobre este conflito entre Dilma e corruptos em seu governo, podemos dizer que houve um momento crucial e que foi muito importante para legitimar o discurso de que a presidente Dilma Rousseff não comunga com corrupção: trata-se dos eventos que tiveram um funcionamento ligado à expressão “faxina ética”<sup>2</sup>.

Essa expressão funciona como materialidade simbólica de significação e nela podemos identificar uma retomada e uma atualidade sobre os efeitos de uma presidente mulher e o combate à corrupção em seu governo. Ao tomarmos o caráter histórico dos sentidos, o termo “faxina” produz um sentido a partir da memória de que “mulher” faz “faxina”, limpa a sujeira, e, na atualidade dessa memória, Dilma Rousseff, enquanto presidente, “faxina” a corrupção de seu governo. Assim, identificamos um efeito-sentido que está em meio ao entrecruzamento com o funcionamento de outras expressões que marcam o lugar de Dilma Rousseff como aquela que está em conflito com a corrupção/corruptos no governo. Identificamos também o funcionamento do que seria um indício do “bom lugar”, ou utopia na qual se realiza o combate à corrupção.

Na discursividade sobre o posicionamento que Dilma assume diante da crise de corrupção que ocorre em seu governo, temos, assim, a reafirmação do lugar discursivo segundo o qual Dilma Rousseff não está do mesmo lado de corruptos. Mas, por outro lado, identificamos materializado no enunciado “Eles resistirão como soldados na trincheira”, que há uma reação por parte dos “corruptos” em relação a essa “guerra” travada por Dilma Rousseff. Nesse enunciado, podemos identificar um efeito da memória sobre o acontecimento que indica o funcionamento de um conflito real – evocado pelo jogo metafórico que envolve uma guerra com trincheiras – entre as partes, a saber: Dilma Rousseff, de um lado; corruptos, de outro lado.

À essa questão, junta-se o fato de que Dilma Rousseff não poderá enfrentar a corrupção sozinha. E, considerando esse apelo, podemos identificar também na discursivização do enunciado que “Dilma precisará de todo apoio” e “Sigam-na os que forem brasileiros”. Ao analisarmos essa última formulação, podemos levantar uma questão do tipo “o que é ser brasileiro?” ou, qual o sentido de “ser brasileiro” nesse

<sup>2</sup> Durante seu primeiro ano, o governo Dilma Rousseff enfrentou uma série de casos de denúncias e suspeitas envolvendo oito ministros, dos quais, sete foram destituídos de seus cargos. Os casos tiveram repercussão na *mídia* e ficaram conhecidos como “faxina ética”.



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

enunciado? No jogo discursivo presentificado nessa expressão, podemos identificar o pré-construído de que “ser brasileiro” implica estar contra a corrupção, estar do lado do que é “certo”, repetindo e reformulando o sentido do “brasileiro honesto”, “pagador de impostos”, como visto em outros excertos no trabalho de Barbosa (2014). Encontramos em funcionamento, assim, um efeito de sentido no qual ser brasileiro é estar do lado da presidente Dilma Rousseff, é não tolerar corrupção; e quem, por sua vez, não estiver do lado da presidente, não é “de fato” brasileiro, no sentido tal como é aqui discursivizado. Nesse sentido, concordamos com Fonseca-Silva (2007) que “na análise da produção e repetição de certos efeitos de sentidos fixados na memória discursiva, podemos identificar os sentidos do acontecimento discursivo presente” (Fonseca-Silva, 2007, p. 24).

## CONCLUSÕES

A partir das análises dos excertos (1) e (2), identificamos o funcionamento de um efeito-sentido sobre a relação Dilma Rousseff e corrupção no governo PT no qual o sujeito político Dilma está em “guerra” com corruptos de seu próprio partido em seu governo, e ocupa, portanto, discursivamente uma posição distinta da dos “corruptos”. Identificamos, também, um efeito de sentido no qual os brasileiros estão do lado de Dilma nesta “guerra” contra a corrupção, tendo em vista que esse lugar discursivo do “brasileiro” materializa a posição “contra a corrupção”. Assim, na discursividade analisada sobre a relação entre Dilma e corrupção no governo PT, há um discurso no qual Dilma Rousseff está contra a corrupção e do lado dos brasileiros, sendo estes também tomados como o lugar do não corrupto. As análises mostram uma parte das deficiências que precisam ser combatidas, como a corrupção política, e, para contrastar com este lugar de imperfeição, as distopias aparecem como crítica à ordem vigente e às promessas utópicas feitas (FIGUEIREDO, 2017).

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso; Distopia; Corrupção Política; Dilma Rousseff.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Leandro Chagas. **Mídia e discursividade: Dilma, Lula, radicais do PT e corrupção.** Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, UESB, Vitória da Conquista, 2014.



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

CLAEYS, Gregory. **Dystopia: A Natural History**. A study of modern despotism, its antecedents, and its literary diffractions. Oxford: Oxford University Press, 2017.

FIGUEIREDO, C. D. **Da utopia à distopia: política e liberdade**. Eutomia – Revista online de literatura e linguística, 2017.

FONSECA-SILVA, M. da C. Mídia e Lugares de Memória Discursiva. In:

FONSECASILVA, M. da C.; POSSENTI, S. (Org.). **Mídia e redes memória**. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2007. p. 11-37.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni P. Orlandi. 6ª edição. Campinas: Pontes, 2012. Edição Original: 1983a.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. **Papel da memória**. 3ª edição. Campinas: Pontes, 2010. p. 49-57. Edição original: 1983b.

**DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**